

SIMONE MOURA ROSADO DIAS



**ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPRESSÃO E
CONHECIMENTO**

GOVERNADOR VALADARES

2011

SIMONE MOURA ROSADO DIAS

**ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
EXPRESSÃO E CONHECIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Maria Luiza Dias Viana

GOVERNADOR VALADARES

2011

Dias, Simone Moura Rosado.

Artes Visuais na Educação Infantil: expressão e conhecimento: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Simone Moura Rosado Dias. – 2011

31 f.

Orientador (a): Maria Luiza Dias Viana

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Dias, Maria Luiza Viana II. Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Belas Artes III. Título: Artes Visuais na Educação Infantil expressão e conhecimento.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada “*Artes Visuais na Educação Infantil: expressão e conhecimento*”, de autoria de *Simone Moura Rosado Dias*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Maria Luiza Viana Dias – EBA/ UFMG

Rodrigo Borges Coelho – EBA/ UFMG

Governador Valadares, outubro de 2011.

À minha família pelo apoio, paciência e compreensão pelo período minha ausência.

A minha mãe por todo exemplo de força e determinação que ela me deixou, não permitindo que com sua perda desististes dos meus ideais.

A escola e aos meus alunos que me permitiram vivenciar e realizar este trabalho. Aostutores pela atenção e o carinho.

E a Deus pelo teu sustento, cuidado e por ter me iluminado na realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão a partir de um paralelo entre a prática e teoria no ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Muitas vezes compreendida como um meio para atingir um objetivo, uma habilidade ou uma competência em outra disciplina, a área de Artes Visuais na Educação Infantil tem sido tratada como passatempo e pouco valorizada no meio educacional. Muitas vezes considerada como atividade decorativa, principalmente em datas comemorativas é também, bastante utilizada como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos. Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEI), assim como pesquisadores, como Ana Mae e outros, propõem uma reflexão sobre o ensino de Arte que vai além do seu caráter instrumentalizado e espontaneísta, mas como uma área de conhecimento legítima. Esta perspectiva é apresentada como eixo para este estudo, através do relato de uma experiência no ensino de artes visuais com um grupo de crianças de 4 a 5 anos, numa escola da rede privada da cidade de Governador Valadares em Minas Gerias com intuito de afirmar a importância do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil reconhecendo-a como área de conhecimento, demonstrando o quanto favorece a formação e aprendizagem.

Palavras-chave: Artes Visuais, Educação Infantil, Conhecimento, Expressão.

SUMÁRIO

Capítulo 1- BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS E DA EDUCAÇÃO INFANTIL.	09
1.1 História do Ensino de Arte no Brasil.....	10
1.2 História da Educação Infantil no Brasil.....	15
Capítulo 2 – A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO E CONHECIMENTO	17
2.1 A Arte como forma de expressão e conhecimento.....	17
2.2 A Artes Visuais na Educação Infantil.....	19
Capítulo 3 - RELATO DA PRÁTICA	22
3.1 Aprendendo com objetos do cotidiano.....	23
3.2 Possibilidades de fazer Artes Visuais – Vick Muniz.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, tendo como objetivo tratar a área de Artes Visuais sob a perspectiva da expressão e do conhecimento.

Para compreender a arte no espaço da educação infantil no momento atual, é preciso situar, mesmo que brevemente, o panorama histórico, do Ensino de Artes Visuais e da Educação Infantil. Compreendendo a trajetória deste ensino, é possível perceber que as propostas de ensino vigentes em diferentes épocas priorizavam as questões técnicas, recreativas, espontaneistas, como exemplo, os desenhos mimeografados, traços e pontos a serem preenchidos ou desenhos livres sem nenhuma fundamentação.

A partir de minhas inquietações na prática como professora na Educação Infantil, venho buscando atualização e formações, desde o curso de Graduação em Pedagogia e Especialização em Educação Infantil, buscando compreender a arte como um fim e não como um meio para se atingir objetivos de outras áreas.

Percebo que a incoerência com o trabalho em artes começa na Educação Infantil, devido ao pouco conhecimento em artes abordado, no curso de Pedagogia, se tomar como exemplo o que eu cursei

Assim, a partir da minha experiência percebo que nós professores da Educação Infantil, reproduzimos a história no ensino de artes, como treinamento, passatempo, sem crítica e reflexão. Mesmo com uma formação superficial sobre Artes no curso de Pedagogia, é possível que tenhamos contato com as abordagens para este ensino por meio de estudos, pesquisas, inovações e desafios. Só assim é possível avançar e de fato, contribuir para a formação ampla da criança, respeitando sua singularidade, forma de expressão, senso crítico, estético e cultural que o conhecimento em arte nos favorece.

Existem diversos autores que compreendem as Artes Visuais como uma das formas importantes de expressão e comunicação da criança. Este trabalho pretende investigar e discutir algumas práticas e metodologias compreendendo a Arte como conhecimento e expressão, o que por si só, justifica sua presença no contexto da educação em geral, particularmente, na educação Infantil.

No primeiro capítulo apresento um breve histórico sobre o Ensino da Arte no Brasil e sobre a Educação Infantil, com enfoque na trajetória deste ensino e sua influência no ensino atual.

No segundo capítulo proponho uma discussão teórica da arte como expressão e conhecimento; e como o seu trabalho favorece o desenvolvimento e a formação da criança.

E no terceiro capítulo apresento o relato de uma prática, realizada com crianças da Educação Infantil no Colégio Franciscano Imaculada Conceição buscando trabalhar a arte como forma de expressão e construção de conhecimento na Educação Infantil.

Acredito que este trabalho possa contribuir para a minha prática, proporcionando uma experiência rica de aprendizagem nesta busca que tenho realizado no trabalho de Arte na Educação Infantil.

Para compreendermos o processo de concepção de Arte, formação do Ensino da Arte Visuais na Educação Infantil, está proposto um breve histórico analisando os processos e influências do Ensino da Arte no Brasil. Através deste histórico poderemos compreender melhor o que acontece na atualidade e suas influências.

Capítulo 1

BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS E DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1- História do Ensino da Arte no Brasil

De acordo com Gouthier (2009), Ferreira (2008) e os artigos pesquisados irei realizar um breve histórico fundamentado na pesquisa destacando pontos significativos da História da Arte no Brasil.

Segundo Gouthier (2009), o ensino formal do Brasil teve seus princípios com a Igreja Católica, com os jesuítas. Longe do ensino formal também existiam processos educativos em outros grupos, como as oficinas de artesão, que priorizavam a elite e também nos quilombos onde desenvolviam trabalhos agrícolas e artesanais.

Em 1759, com Alvará Régio em Portugal a ordem religiosa, ou seja, o sistema de ensino dos jesuítas foi expulso do Brasil.

De acordo com Gouthier (2009), a chegada de Dom João VI ao Brasil e, seguida, a Missão Francesa, trouxeram marcas profundas nas referências estéticas do país, criando a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, voltada para o ensino de ofícios artísticos e mecânicos. Com transição do Barroco brasileiro pelo Neoclassicismo. Joachim Lebreton, egresso do Instituto de França, liderou o grupo de artistas e artífices franceses que chegou ao Rio de Janeiro em março de 1816 para organizar o ensino de Belas-Artes no Brasil. Com proposições essencialmente técnicas, o grupo chegou para criar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Outro marco histórico aconteceu com a abolição da escravatura, iniciando o respeito ao trabalho manual, aproximando a arte da educação popular. No início do século XX houve uma grande preocupação com o ensino da Arte, que se resumia ao ensino do desenho, com sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho. O ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias valorizava o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país. O objetivo do ensino visava à preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que se desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais.

Na segunda década do século XX, surge uma nova concepção pedagógica compreendendo a criança como sujeito com características próprias, antes vista como adultos miniaturas e meros receptores do conhecimento. Havia um olhar focado na livre expressão do desenho infantil, valorizando como objeto para estudo cognitivo.

Gouthier (2009) comenta que a partir dos anos 1920 a educação brasileira passa por várias reformas, que aconteceram na Bahia, Minas Gerais e Distrito Federal. Novas perspectivas em relação ao currículo eram evidentes na reorganização da instrução pública na Bahia, rompendo com a escola tradicional buscando a ênfase no social, a educação brasileira passa por várias reformas. Anísio Teixeira foi um dos idealizadores que tinha por objetivo capacitar os indivíduos a viver em sociedade.

Ele era um educador e escritor brasileiro que difundiu os pressupostos do movimento *da Escola Nova* que tinha como princípio a ênfase no desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento, em preferência à memorização. A Escola Nova foi um movimento de renovação no ensino, redefinido o papel da escola, considerando-a como um instrumento de reconstrução social.

Os modelos estrangeiros continuaram a servir como referência, mas a preocupação com a identidade nacional foi intensificada. Quando o Movimento da Nova Escola (espontaneísmo) estava no auge, iniciou a repressão no campo educacional com a ditadura de Vargas. A educação perde fôlego, interferindo na livre expressão.

Com o fim da ditadura era momento de reconquistar a democracia recuperar o que já havia construído e construir novos rumos. A Escola nova sobrevive, mas com menos foco científico, buscando ampliar o acesso a educação e ganhar novos espaços extra-escolares.

Neste contexto surgem artigos de Mario Andrade investigando a arte das crianças e os cursos de Anita Malfatti, valorizando a livre expressão infantil e o espontaneísmo. Na sequência, Mário de Andrade, em seu curso na Universidade do Distrito Federal, aprofunda o estudo da arte da criança, discutida pela primeira vez em academia.

Segundo Ferreira (2008), as reformas educacionais desencadeadas pelo Movimento da Nova Escola sofreram influência de John Dewey (professor que

desenvolveu um profundo interesse por filosofia), onde propunha um sistema filosófico que conjugava o estudo científico da psicologia com a filosofia idealista alemã, reconhecendo a utilidade da arte tão importante como as outras áreas do conhecimento. Porém, tiveram interpretações equivocadas das idéias de John Dewey, que colocou a arte a serviço de outras áreas de conhecimento, tornando simplesmente uma ilustração do conteúdo estudado. A Arte tornou-se presente no currículo escolar, mas esvaziada de seu próprio conteúdo.

De acordo com Gouthier (2009), ainda em 1930 começa a ganhar força no Brasil as Escolas Brasileiras de Arte, atendendo crianças de 8 a 14 anos, oferecendo aula de música, dança e pintura, pautadas na valorização da técnica. Surgiam dois pólos, um valorizava o desenho como Arte e o outro a técnica.

Segundo Gouthier (2009), foi a partir da LDB 4024/1961 que levantaram discussões contra cópias de modelos estrangeiros, buscando uma identidade cultural no país. Essa fase de um modelo nacional acontece com os movimentos populares educacionais, políticos, culturais e artísticos. E com a concepção trazida por Paulo Freire que discutia a arte e estética, e sobre a necessidade de democratizar o acesso a elas. Ainda Gouthier (2009), nos diz que a educação popular passa a ser entendida como a necessidade de encontrar atalhos, queimar etapas e urgentemente, incluir os excluídos num processo não só educativo, mas também político, econômico, social e cultural.

Nos anos 1970, de acordo com Gouthier (2009), o sistema educacional foi fragmentado, a fim de tornar efetivo e produtivo. Reflete uma nova influência: a Tendência Tecnicista. Pretendendo tornar uma sociedade homogeneia, sem conflitos. Para isso, a criança precisa ser socializada e de acordo com os valores da sociedade.

Surge a Lei Federal, que no diz:

[...] a Lei Federal 5692 de 1971, organizada de maneira formal e burocrática, reelegeu a arte a uma disciplina mais dentro dos currículos tecnicistas, com uma pequena carga horária semanal, sendo encarada, como mero lazer, uma distração entre as atividades “sérias” das demais disciplinas. (FERREIRA, 2008, p. 15).

De acordo com Gouthier (2009), a arte entrou para o currículo obrigatório do Ensino Fundamental, pautada na superficialidade e sem o foco no conhecimento.

Somente em 1973 para suprir as demandas criadas pela falta de formação dos professores, foram criados os curso universitários para formação de arte educadores. Uma formação curta em 2 anos e uma plena em 4 anos.

Ferreira (2008) e Gouthier (2009) nos diz que nos anos 80 houve um avanço que se concretizou por diversas vias políticas, mobilizando arte-educadores pela luta da valorização da arte. São realizados vários congressos, seminários e encontros. São criadas as associações estaduais de arte-educadores e, posteriormente a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

Em 1996, é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases Nacional LDBN- Lei 9394 de dezembro, propondo uma nova concepção de educação. É extinta a Educação Artística e entra em campo a disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área de conhecimento.

Em meio a essas mudanças e do reconhecimento da Arte como área de conhecimento, houve, no Brasil, acontece uma importante sistematização do ensino da Arte com a construção da Abordagem Triangular, que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico.

“(…) uma maior credibilidade da arte, como meio de desenvolver a capacidade de análise e síntese através da inclusão da produção Artística crítica, história e estética”. (GOUTHIER, 2009, p. 20).

A proposta compreende que a pessoa que aprende Arte deve estar apta, não apenas a fazer algo, mas também saber de onde veio o que está fazendo, o que levou aos artistas fazerem aquela obra, podendo perceber a mensagem o que o artista quis passar através da sua obra.

Ao criarem suas obras artísticas, poderão criar algo que transmita uma mensagem, dando sentido à Arte. Isso não significa que as técnicas devem ser deixadas de lado, é importante que o aprendiz venha a conhecê-las para aprimorar, sempre mais o seu trabalho, mas, a técnica sozinha, não dá sentido à obra.

Até o surgimento da nova LDB e dos novos PCN's, prevalecia o ensino das Artes Plásticas. Essa nova concepção para o ensino de arte é explicada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte:

“Com a LDB de 1996 (lei no. 9.394/96), revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada disciplina obrigatória na educação básica conforme o seu artigo 26, parágrafo 2º que diz que o ensino de arte constituiria componente curricular obrigatório, nos diversos

níveis da educação básica, visando o desenvolvimento cultural dos alunos”. (FERREIRA, 2008, p.17)

Atualmente o ensino de Arte está voltado para as linguagens de Música, Dança, Teatro (Artes Cênicas) e Artes Plásticas.

Algumas práticas na história da arte educação foram supervalorizadas, como o desenho geométrico e a cópia de modelos, em detrimento dos conteúdos e objetivos da própria arte, questionar a respeito de conteúdos válidos para formar alunos críticos, fruidores e conhecedores de arte, pode ser um início para grandes mudanças no ensino de arte no Brasil. Os professores de arte, sem conhecer essas origens valorizam qualquer novidade, sem entender qual a proposta e o seu contexto, muitas idéias são simplesmente passadas adiante, não havendo preocupação com a realidade do aluno. O que permanece muitas vezes é o fazer pelo fazer, sem oferecer uma experiência estética ou a aquisição de novos conhecimentos. (STORI [s.d.], p.14)

Ao analisarmos o percurso da História da Arte percebemos as influências deixada no seu ensino, muitas vezes com atividades sem qualquer significado ou fundamentação teórica. As mudanças no seu ensino começam a partir da busca do professor através de fundamentação e práticas que levem a aprendizagem.

A sua história também nos faz ver que os movimentos culturais com a Arte e com a educação em Arte estão enraizados nas práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social que interferem, modificando ou conservando as práticas vigentes.

A preocupação com a educação em Arte tem mobilizado pesquisadores, professores, artistas, que vêm procurando fundamentar e intervir nessas práticas educativas construindo a nossa história, que já avançou, mas que ainda tem muito a avançar.

1.2- História da Educação Infantil no Brasil

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social ao qual pertencia. As maneiras de se pensar o que é ser criança modificaram de época para época.

Segundo Craidy (2001), o surgimento das instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, entre os séculos XVI e XVII. As creches e pré-escolas surgiram depois da escola e seu aparecimento tem sido muito associado com a revolução industrial e mudanças sociais.

No Brasil as crianças de 0 a 6 anos atendidas em instituições especializadas, ou seja, o surgimento das creches foi um pouco diferente do restante do mundo. Enquanto nos outros países a creche servia para as mulheres terem condição de trabalhar nas indústrias, no Brasil, as creches populares serviam para atender os filhos das empregadas domésticas. O objetivo das creches populares era atender somente o que se referia à alimentação, higiene, segurança física e moral.

[...] educação era em alguns casos, uma forma de proteger a criança das influências negativas do seu meio e preservar-lhe a inocência, em outros, era preciso afastar a criança da ameaça da exploração, em outros ainda, a educação dada às crianças tinham por objetivo eliminar as suas inclinações para preguiça, a vagabundagem, que era 'características' das crianças pobres. (CRAIDY, 2001, p.14)

Segundo Rosilene (2009), em 1919, foi criado o Departamento da Criança no Brasil, para realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre; publicar boletins, divulgar conhecimentos; promover congressos; concorrer para a aplicação das leis de amparo à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre mortalidade infantil.

Diversos órgãos foram criados voltados à assistência infantil, (Ministério da Saúde; Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Previdência Social e Assistência social, Ministério da Educação e também a iniciativa privada). Nesta década preocupava-se com a educação física (relação ao seu desenvolvimento) e higiene, tendo como principal objetivo o combate à mortalidade infantil. Iniciou-se a organização de creches, jardins de infância e pré-escolas de maneira desordenada e

sempre numa perspectiva emergencial, como se os problemas infantis criados pela sociedade, pudessem ser resolvidos por essas instituições

Pode-se perceber que existiam uma série de idéias para justificar o surgimento da educação infantil. O Brasil recebeu também grande influência das idéias dos médicos higienistas e dos psicólogos.

Segundo Craidy (2001) e Rosilene (2009), em 1940, surgiu o departamento Nacional da Criança, com objetivo de ordenar atividades dirigidas à infância, maternidade e adolescência, sendo administrado pelo Ministério da Saúde. Na década de 1950 surge uma forte tendência médico-higiênica do Departamento Nacional da Criança, desenvolvendo vários programas e campanhas para combater a desnutrição.

Na década de 1960, o Departamento Nacional da Criança teve um enfraquecimento e acabou transferindo algumas de suas responsabilidades para outros setores, prevalecendo o caráter médico-assistencialista, enfocando ainda suas ações na redução da mortalidade infantil.

Craidy (2001) comenta que com o crescente número de evasão escolar e repetência das crianças das classes pobres no primeiro grau, em 1970, foi instituída a educação pré-escolar (chamada educação compensatória) para que as crianças de 4 a 6 anos suprissem as carências culturais, afetivas, deficiências lingüísticas existentes na educação familiar da classe baixa.

Contudo, essas pré-escolas não possuíam um caráter formal, não havia contratação de professores qualificados e remuneração digna para a construção de um trabalho pedagógico sério. A mão-de-obra era formada por voluntários, que rapidamente desistiam desse trabalho.

A maioria das creches públicas prestava um atendimento de caráter assistencialista, que consistia na oferta de alimentação, higiene e segurança física, sendo muito vezes prestadas de forma precária e de baixa qualidade. Também começaram a surgir as creches particulares que desenvolviam atividades educativas, voltadas para aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

De acordo com Paschoal [s.d], em 1988, a educação pré-escolar é compreendida como uma necessidade e de direito de todos e um dever do Estado (tanto creches como escolas), através da ANPEd e da Constituição. A partir daí, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, seguindo

uma concepção pedagógica, complementando a ação familiar, e não mais assistencialista. Esta perspectiva pedagógica propõe uma visão da criança como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural. Acaba com idéia de uma educação compensatória que delega à escola a responsabilidade de resolver os problemas da miséria.

Craidy (2001) comenta que com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8069/90, passa a ser responsabilidade dos municípios a infância e a adolescência, na criação de diretrizes municipais de atendimento aos direitos da criança e do adolescente e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, criando o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Com esta pequena retrospectiva histórica, pode-se notar que as creches e pré escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorrem na sociedade brasileira. Verifica-se que elas surgiram com um caráter moralista, de assistência à saúde e à preservação da vida, não com fins educacionais. Através deste breve relato histórico é possível perceber os objetivos da Educação Infantil no Brasil, que se distancia do atual e da compreensão que temos hoje da criança como um sujeito social de direitos e deveres.

Discutida as condições que possibilitaram a criação da Educação Infantil, é importante examinar a que objetivos ela se propõem e se organiza para cumprir esta função. Considerando que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, é importante observamos as mudanças que ocorrem com as crianças, ao longo da infância não trazendo e repetindo os mesmos erros do passado.

As vivências na educação infantil, que incluem o acolhimento, a segurança, o a emoção, a sensibilidade, as habilidades sociais e cognitivas. Sendo um lugar privilegiado para a curiosidade, criatividade e a oportunidade para investigação.

Assim como a Arte, a Educação Infantil tem avançado nos seus estudos e práticas educativas que ajudam na construção do sujeito. Atualmente atendendo outros objetivos, que levam as crianças cada vez mais cedo para as instituições infantis, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, a busca pelo desenvolvimento infantil, social, cognitivo, motor, dentre outros.

No capítulo seguinte irei discutir as abordagens teóricas de Artes Visuais como forma de conhecimento e expressão, compreendendo sua importância na formação integral da criança e principalmente no trabalho com a Educação Infantil.

Capítulo 2

A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO E CONHECIMENTO

2.1- A arte como forma de expressão e conhecimento

Como percebemos no capítulo anterior a Arte passou por vários processos de reconhecimento e compreensão na sua história. A luta pela sua valorização ainda continua, mas existem pesquisadores que já compreendem sua importância na educação, como Ana Mae Barbosa e outros autores que acreditam no trabalho da Arte como forma de expressão e construção de conhecimento.

A Arte na educação tem um papel fundamental para desenvolver na criança os aspectos físicos, motor, emocional, perceptivo e criativo. Ana Mae Barbosa acredita em uma educação que necessita desenvolver na criança o seu potencial criativo. De acordo com Aurora Ferreira (2008) ela acredita que não é possível acontecer o desenvolvimento integral da inteligência sem a Arte. É importante que a criança tenha oportunidade de se expressar de forma criativa de acordo com as etapas do desenvolvimento e da personalidade do indivíduo.

E para que esse desenvolvimento integral aconteça é preciso compreender e trabalhar a Arte no seu processo de criação, expressão e construção de conhecimento a partir das experiências vividas.

O papel da Arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola. (BARBOSA, 2008, p.71).

No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança tem a oportunidade de construir seu percurso de criação, construção individual a partir das escolhas, experiências, aprendizagens, relação com o mundo e motivações internas e externas. Tanto a partir do seu cotidiano, como de obras de arte.

Viktor Lowenfeld (1954) compreende a Arte como um meio de expressão, acredita que quando a criança representa suas experiências, ela estabelece novas

relações, pensa com maior sensibilidade a respeito do ambiente e incorpora novos conhecimentos a partir de suas obras. Interferindo na formação da sua personalidade.

Dentre as diversas modalidades artísticas o desenho se destaca no âmbito infantil, por sua importância e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, construção tridimensional, colagem).

Em seus primeiros anos de vida a criança já é capaz de produzir seus primeiros traços gráficos, conhecidos como garatujas. A partir das experiências e do seu controle motor, físico e emocional, as crianças controlam o gesto e passam a coordená-lo e registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas.

Ao desenhar a criança cria objetos, fantasia, verbaliza e exprime sua capacidade imaginativa, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual estão inseridas. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil- RCNEI (1998, p. 93) nos diz:

[...] por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

O trabalho em artes plásticas também favorece às crianças o contato com diferentes materiais, a possibilidade de explorá-lo, transformá-lo e re-utilizá-lo na construção de novos elementos, formas, texturas, etc.

Através da arte a criança também tem oportunidade de conhecer a sua e outras culturas, artistas de diferentes estilos, fazendo sua leitura, enriquecendo suas técnicas e fazendo suas próprias reflexões e produções.

Compreendemos as Artes Visuais como um amplo processo de desenvolvimento e construção de aprendizagem e personalidade infantil, por meio da exploração, expressão, leitura e construção do mundo, criatividade e enriquecimento cultural.

A Arte merece estudo como um assunto particular, que tem finalidades, conceitos e habilidades específicas. Desde modo, é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio às cores, formas e ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens.

Barbosa (2008, p. 7) afirma:

“Arte e seu ensino não é apenas uma questão, mas muitas questões; não um problema, mas inúmeros desafios, uma tensão instalando estados de tensividades entre olhares, buscas e encontros aprofundados, pois Arte é conhecimento a ser construído incessantemente”. (2008, p. 7)

2.2- A Artes Visuais na Educação Infantil

O trabalho de Artes Visuais na educação, particularmente na educação infantil, ainda sofre divergências entre a teoria e prática. Vários fatores contribuem para esse desencontro como: falta de formação qualificada dos professores, influências históricas no ensino da arte, falta de recursos, investimentos e condições materiais para se trabalhar.

Encontramos algumas práticas no trabalho de Artes Visuais na Educação Infantil com conotação decorativa, servindo para ilustrar, temas e datas comemorativas, confecção de “lembrançinhas” geralmente com interferência dos adultos e reproduções.

Por outro lado, acontecem práticas espontaneístas, que se resumem em passatempos e com objetivo de acalmar as crianças, com desenhos livres, pintura e massinha, sem nenhum tipo proposição por parte do professor que pouco contribui para a aprendizagem das crianças.

Barbosa (2008) afirma que em sua experiência profissional percebe que a arte ainda está sendo ensinada segundo a tradição positivista, sendo utilizando principalmente em datas comemorativas, produção de presentes estereotipados e na livre-expressão confundido improvisação com criatividade.

Para esta autora a Arte na educação deve ser compreendida como expressão pessoal e cultural. Por meio dela é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, analítica, desenvolvendo a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. “Acredita ser a Arte importante por si mesma e não por ser instrumento para fins de outra natureza”. (BARBOSA, 2008, p. 64)

Neste contexto a Arte deve ser compreendida muito além de pretextos ou meios; mais do que uma livre expressão. Precisamos compreender e adequar às

exigências dos tempos atuais, com a nova concepção de criança, de construção da aprendizagem, fazendo uma nova leitura da realidade, sendo capazes de atuar e transformá-la.

Segundo Barbosa (2008) é preciso perceber que as mudanças exigem um novo paradigma para a construção do conhecimento, que não descarta a aprendizagem do passado, mas que submete a uma nova ordem, uma nova hierarquia de atitudes e valores, a um posicionamento profissional implicando com essas transformações, pois a fundamentação filosófica e metodológica assim exigem. Vinculado as discussões sobre o processo de ensinar e aprender.

Através do comprometimento, dedicação, estudo do professor e sua constante busca pela construção do conhecimento e relação ensino-aprendizagem, A arte será trabalhada e concebida como conhecimento, buscando sua real valorização e função no contexto escolar, que por si só justifica sua presença. Não deixando assim marcas negativas sobre ela, através de práticas incoerentes. Ferreira (2008, p.50), comenta:

A criança é naturalmente criativa e sensível. Sua criatividade é espontânea até que consigam por meio de práticas conservadoras e desrespeito a arte infantil, tornar a criança um ser incapaz de se expressar espontaneamente, levando-a mais tarde dizer: 'Eu não sei desenhar!'

A Arte na educação deve ser baseada na liberdade de expressão e no respeito da diversidade cultural. Não pode ser algo sem vida, mecânico, como um meio para alcançar objetivos de outras linguagens, perdendo o foco da Arte como conhecimento. Muitas escolas usam a Arte, com prática de desenhos mimeografados, ou seja, a repetição de desenhos estereotipados sem reflexão.

O ato de criar de se expressar pode ser bloqueado diante da conduta do professor, ou seja, se a criança for inibida, exposta, desvalorizada no seu ato de criação, ela pode sentir-se incapaz. Como diz a citação de Ferreira, é muito comum as crianças falarem que não sabem, e não conseguem diante de uma produção seja ela um desenho ou outra forma de expressão.

O importante que é que a Arte da criança seja valorizada e incentivada, para que ela não perca seus estímulos e desejos ao criar.

Ferreira (2008, p. 49) ainda contribui: *“O importante é que a Arte da criança seja valorizada e que os adultos não permitam que as crianças passem pelas etapas e desenvolvimento de forma incorreta, trazendo conseqüências futuras”*.

Formas que desvalorizem o trabalho com Artes Visuais, não contribuindo para a construção de conhecimento nela, causando marcas em sua trajetória de ensino.

O Ensino de arte Arte dentro de uma visão contemporânea, busca possibilitar atividades interessantes e compreensíveis para a criança. Temos aqui no Brasil sistematizada por Ana Mae Barbosa, a Proposta Triangular do Ensino da Arte ela propõe a construção do conhecimento em Arte a partir da relação entre experimentação, da codificação e da informação (ler obras de arte, fazer Arte e contextualizá-la).

Neste sentido é de fundamental compreensão do trabalho de Arte de forma correta, ou seja, que a criança tenha a oportunidade de expressar, manipular, conhecer, exercer suas atividades artísticas com estímulos e criatividade, para que desde cedo exercite seu potencial, não trazendo bloqueios e influencias que desvalorizem a Arte e sua criação para os outros níveis de ensino.

Penso que é possível trabalhar a Proposta Triangular a partir da Educação Infantil, adaptando-a à realidade de cada faixa etária. Realizando um trabalho prazeroso, que envolve a descoberta, aprendizagem e a construção do conhecimento.

Esta é a proposta que tenho buscado trabalhar, vencendo desafios e transformando a realidade a partir do trabalho da Arte como conhecimento. Irei relatar no capítulo seguinte algumas das minhas experiências vivenciadas na Educação Infantil neste contexto.

Capítulo 3 -

RELATO DA PRÁTICA

A Educação Infantil hoje trabalha com competências e habilidades, dividindo seus objetivos a partir de cada idade. Este trabalho é feito de forma integrada, onde a construção de um conhecimento leva ao outro.

Será apresentado um relato de uma atividade com crianças de 4 e 5 anos, de uma escola de rede privada, na cidade de Governador Valadares que atende crianças desde 1 ano na Educação Infantil até o Ensino Médio.

O grupo conta com 11 a 14 crianças, sendo comum algumas crianças permanecerem um período conosco e depois saíram para outra cidade, ou país, geralmente filhos de Valadarenses que moram em outro país e passam uma temporada na cidade.

A escola concebe a criança como sujeito social, histórico, ativo e singular. Trabalha com teorias sociointeracionistas, onde compreende o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, que aprende a partir de suas próprias experiências, em sua relação com ambiente, bem como, através da interação com outras crianças e adultos; de forma simultânea e integrada. As crianças são protagonistas e construtoras do conhecimento.

Na educação infantil em nossa escola, cada grupo tem suas características próprias e interesses, sendo escolhido pelo grupo um nome que identifica cada turma. Os objetivos e habilidades trabalhados são propostos a partir de vivências significativas para as crianças, cada uma com o seu Portfólio, onde apresenta registros feitos pelas professoras narrando situações significativas do grupo, como também produções individuais das crianças.

O grupo que será apresentado escolheu o nome de Turma da Fantasia, a partir de uma proposta de trabalhar com o meio ambiente, levei ao grupo uma proposta de Artes Visuais utilizando materiais recicláveis, com o desejo de trabalhar a Arte como conhecimento, usando a criatividade e despertando a atenção da comunidade educativa, através dos trabalhos criada por eles.

A partir do interesse do grupo pelos trabalhos desenvolvidos envolvendo a Arte, e minha observação, decidimos que o nosso projeto da turma seria com a Arte, afim de conhecê-la, experimentá-la e criá-la. O grupo nomeou o projeto como: Arte na Turma da Fantasia.

3.1- Aprendendo com os objetos do cotidiano

A partir da reflexão e conscientização que estava acontecendo na escola em relação ao meio ambiente, criou-se o “Dia Verde”. Onde cada turma de acordo com interesse fizesse algo que trabalhasse a questão do meio ambiente. Questionei ao grupo o que poderíamos fazer com o lixo. Algumas crianças falaram sobre aproveitá-lo para fazer coisas. Aproveitei a oportunidade para apresentá-los os artistas Tim Noble e Sue Webster, que trabalham em Londres com esta proposta de reutilização de materiais.

Através da lousa mágica apresentei algumas imagens que tinha selecionado onde das obras dos artistas. Que trabalham a partir de uma pilha de “lixo” ou objetos amontoados, que quando iluminados por um foco de luz projetam imagens incríveis.



Fotos apresentado ao grupo as obras dos artistas Tim Noble e Sue.

Conversamos sobre o trabalho deles, relatamos materiais que foram utilizados para realizar a obra.

A partir das observações o grupo decidiu guardar o lixo seco do nosso lanche e algumas crianças trouxeram espontaneamente de casa, materiais recicláveis, como; caixa de leite, suco e outros para construirmos nossa escultura. Levei algumas caixas grandes para contribuir e com o material disponível algumas crianças começaram a empilhar as caixas até surgir à idéia de construir uma árvore. A partir dos materiais em mãos fomos pensando onde seriam colados e optamos por construir uma escultura que ficou exposta em um jardim próxima ao portal de acesso da escola.

Em outro momento revemos a projeção dos artistas Tim e Sue, retornamos para a sala conversamos sobre o trabalho deles da arte produzida através da sombra. Com uma lanterna grande focamos nossa escultura de vários ângulos, que possibilitassem a projeção do nosso trabalho de várias maneiras. Em cada foco, as crianças iam descrevendo o tamanho e a posição, despertando mais o interesse em ver a árvore grande quando jogava o foco por baixo



Foto com seleção dos materiais e construção das idéias em empilhar até construir

e pequena quando jogava o foco de luz por cima.

Brincamos com a projeção da sombra das crianças também tornando-as grandes e pequenas. Depois conversamos sobre outra maneira de produzir sombra, através da luz natural, o sol. Fomos ao pátio fizemos a experiência com a sombra do nosso corpo. E combinamos de levar nossa escultura para lá e riscar o desenho da sombra com giz.

Como trabalho realizado pude perceber que as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar conhecimentos sobre nova forma de expressão artística, dimensões, tamanhos, projeção de luz natural e artificial, manipulação de objetos recicláveis e criatividade.

Além de aprenderem a respeito dos elementos formais da arte, linha, ponto, volume, luz, cor, sombra, foi possível que compreendessem também aspectos relacionais como: volume, perspectiva, proporção etc. Sem falar na ampliação da percepção do que está à sua volta.

Vamos dar continuidade ao trabalho que está se transformando em projeto da turma.

. A próxima etapa conhecemos o artista brasileiro, Vick Muniz que



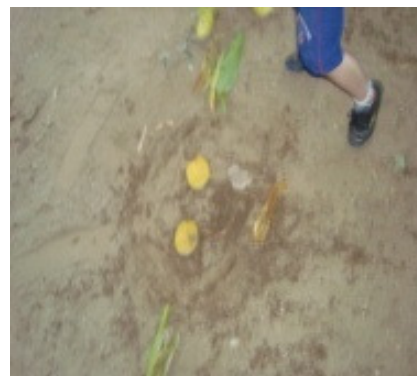
Fotos: realizando atividade com a sombra (sol) e o contorno da imagem

também realiza trabalhos com diversos materiais.

3.2- Possibilidades de fazer arte – Vick Muniz

Apresentei ao grupo o artista plástico e fotógrafo Vick Muniz. Atualmente, ele é um dos artistas brasileiros com maior visibilidade no mundo da arte. Tem obras nas principais instituições de arte contemporânea do mundo. Realizou trabalhos de forma ousada com diversos objetos como: geléia, manteiga de amendoim, açúcar, fios, arame, xarope de chocolate, macarrão, linha, propondo releituras de obras famosas como: Monalisa e a Última Ceia, de Leonardo da Vinci, reinterpretou várias pinturas de Monet, incluindo pinturas da catedral de Rouen, Mais recentemente, criou obras em maior escala, tais como imagens esculpidas na terra feitas de enormes pilhas de lixo. Realizando um grande trabalho chamado “Lixo Extraordinário”, no lixão do Rio de Janeiro.

Ao visualizarem suas obras as crianças ficaram impressionadas com as possibilidades de representá-las. Principalmente com o trabalho realizado no lixão. Passei trechos do filme o “Lixo



extraordinário” onde as crianças conseguiram visualizar a construção do seu trabalho.

Em roda fomos conversar sobre o artista e o seu trabalho. No momento do pátio em brincadeiras livres, algumas crianças estavam desenhando na areia. Conversamos novamente em roda e as crianças manifestaram o desejo de realizar trabalhos com areia, lixo reciclável, macarrão e lã. Começaram a trazer alguns materiais para a sala.

Primeiro realizamos o trabalho na terra em um espaço próximo a nossa sala. Ao criar seus desenhos algumas crianças acrescentavam folhas, galhos, frutos em suas obras e pediam para fotografar como o artista Vick Muniz fazia em suas obras. Explorando o ambiente e os materiais encontrados.

Sobre desenhos na folha A3 foram sendo colocados objetos coletados. As crianças utilizaram diversos materiais, exploraram seus próprios desenhos e usaram a criatividade, surpreendendo à todos com suas criações.



Fotos: do processo de construção e obra final com diversos objetos, “lixo reciclável” (releitura da obra de Vick Muniz).

Como combinado também utilizamos o trabalho com linha, ou seja, com barbante. Revemos sua obra e em um papel preto as crianças começaram a trabalhar com barbante, criando bonecos, ônibus, escorregador e utilizando a cola por cima. Em outro momento combinamos de levar para a escola diferentes tipos de macarrão. Relembramos como era o rosto em uma das obras de Vick Muniz e as crianças disseram que a expressão era de susto. Brincamos de expressão, depois desenhamos o rosto com o lápis e completamos utilizando o macarrão que desejasse sobre um prato descartável. Exploramos e conhecemos algumas formas de macarrão. Expomos todos os trabalhos no muro da escola, mostrando as obras de Vick Muniz e a nossa releitura sobre as obras.



Fotos: do processo de construção e produção final utilizando barbante (releitura da obra de Vick Muniz);



Fotos: do processo de construção e produção final utilizando agora o macarrão (releitura da obra de Vick Muniz);

Através destas atividades pude constatar a presença e a construção do conhecimento e da expressão em Artes Visuais. Mesmo na Educação Infantil com crianças pequenas, é possível explorar, criar e produzir novos

conhecimentos que a arte nos favorece. A partir da experiência que tivemos com as obras e artistas, exploramos e conhecemos outras formas de expressão em Artes Visuais, que geralmente no cotidiano da Educação Infantil se restringe em lápis, canetinha e tinta.

CONSIDERAÇÕES

É comum encontramos no contexto da Educação Infantil um trabalho com Artes Visuais compreendido como passatempo ou como meio para alcançar outros objetivos pedagógicos.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino de arte visuais, contemplando uma visão da Arte como forma de expressão e conhecimento. A partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, e das concepções de Ana Mae Barbosa, criadora da Proposta Triangular, e de outros autores e colaboradores que compreendem a Arte na perspectiva de conhecimento e da expressão, mostrando as grandes contribuições que o seu trabalho favorece no desenvolvimento da criança.

Com este estudo pude constatar que além da teoria, é possível na prática, trabalhar a Arte como conhecimento e expressão na Educação Infantil, adaptando-a a realidade de cada idade e turma, buscando e vencendo os desafios encontrados.

A partir destas práticas, vivenciei ricas experiências de aprendizagem, construção de conhecimento, expressão e prazer. Compreendendo que o trabalho de Artes Visuais é tão importante como o de outras habilidades e objetivos propostos para a formação integral da criança na Educação Infantil.

Ao final deste trabalho trago novas abordagens teóricas que fundamentam e transformam o meu trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil, acreditando que esta prática poderá contribuir para que outros educadores também avancem, busquem e aprendam uma nova maneira de compreender e fazer a Arte acontecer.

REFERÊNCIAS

LIVROS

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. 1998, p.85-112.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 184 p.

FERREIRA, Aurora. *A Criança e a Arte o dia-a-dia na sala de aula*. 3 ed. Rio de Janeiro, 2008. 117 p.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo, 1954. 223 p.

CRAIDY, Carmem. *Educação Infantil pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1/ Lúcia Gouvêa Pimentel (Organizadora); Juliana Gouthier (et al.). - 2.ed. - Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto. Acesso: 21 dezembro 2010.

www.agenciarj.org. ALESSANDRA. *As pesquisas na área da educação infantil e a história da educação: re-construindo a história do atendimento às crianças pequenas no Brasil*. Acesso: 10 de março 2011.

www.webartigos.com/artigos/o-ensino-de-arte-no-brasil. *Ensino de Arte do Império na República do Brasil*. Norberto Stori.

www. *A História da Educação Infantil no Brasil: Avanços*, PASCHOAL, Jaqueline Delgado. *Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional*. Acesso: 31 de março 2011

rosilene-ducacaoinfantil.blogspot.com/2009. Acesso: 14 de junho de 2011